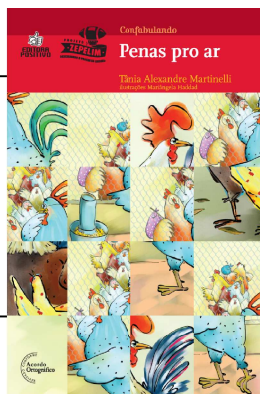


PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

SINOPSE

Susi é uma franguinha cheia de iniciativa, que acompanha a mãe numa visita a parentes de um outro galinheiro. Nesse local, fica conhecendo o mandachuva do pedaço, um galo sem nome, folgado, arrogante e autoritário, que ela resolve chamar de Penoso. Depois de um diálogo nada agradável com ele, Susi aproveita o tempo livre para conversar com diversas galinhas do local e fazer propaganda do galo de seu próprio terreiro, conhecido por Arnaldo. Mal sabia ela que estava armando a maior reviravolta nos dois galinheiros.

Narrada pela protagonista, esta divertida fábula aborda temas importantes sobre a vida em sociedade.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Americana, interior de São Paulo, sou formada em Letras e fui professora de Português durante muitos anos. Muito provavelmente tenha vindo desse convívio com os adolescentes o meu desejo de me tornar uma escritora para o público infantil e juvenil. Meu primeiro livro foi publicado em 1998 e de lá para cá não parei mais de escrever. *Penas pro ar* foi escrito, pela primeira vez, há bastante tempo, logo no começo da minha carreira. Mas não era bem desse jeito. Às vezes acontece isso. Escrevemos uma história, depois deixamos de lado, até que um dia pensamos: aquela história era bem interessante! Se eu modificar aqui e ali, escrever assim e assim... Foi isso o que aconteceu. Gostei. Espero que as crianças também gostem.

FICHA TÉCNICA

Ilustradora: Mariângela Haddad

Formato: 18 x 26 cm

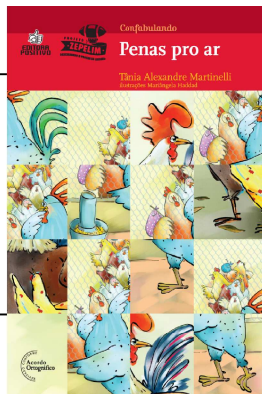
Número de páginas: 32

Coleção: *Confabulando*

ISBN: 978-85-385-1440-4

Indicação: A partir de 6 anos

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

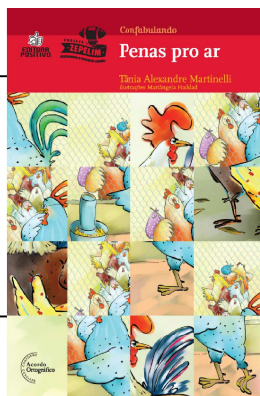
(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

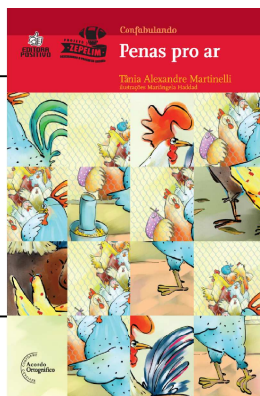
A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

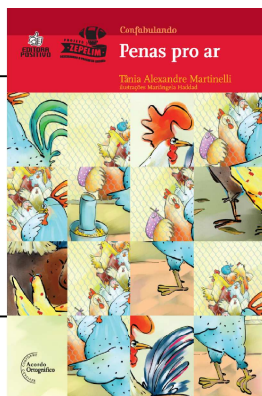
Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

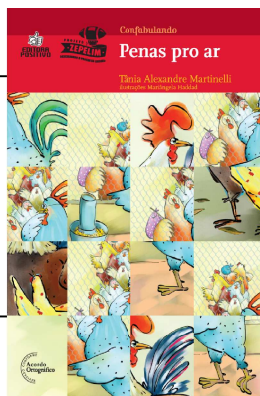
Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

PENAS PRO AR



Tânia Alexandre
Martinelli

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

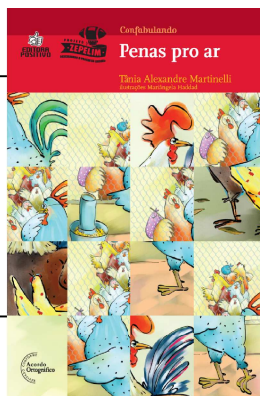
◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

PROPOSTA DE TRABALHO

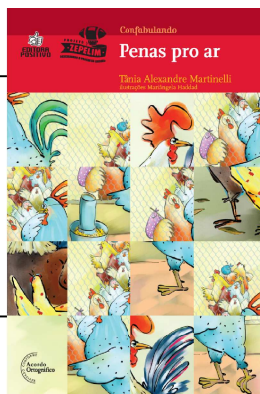
ANTES DA LEITURA

1. Inicie o trabalho questionando as crianças sobre histórias que conhecem cujos personagens são animais. Incentive-as a comentar essas histórias com o grupo. Pergunte se animais falam, se eles se comportam como humanos, etc. A partir das repostas, abra uma discussão sobre os possíveis motivos que levam um autor a escrever uma história em que os animais, aparentemente, comunicam-se de forma semelhante à dos humanos. Entre no universo das fábulas, explicando que esse tipo de narrativa é uma representação que traz um significado mais “profundo” do que aparenta; geralmente os personagens são animais com características humanas e seus diálogos contêm uma lição de moral.
2. Pergunte se alguém do grupo tem medo de dizer o que pensa. Questione o porquê desse medo, de onde ele surge e como lidar com ele. Diga que, na história que os alunos lerão, há uma galinha muito esperta que sempre diz o que pensa, sem medo de se manifestar e nem de mudar de ideia quando lhe convém.
3. Apresente o livro de Tânia Alexandre Martinelli e discuta o título: *Penas pro ar*. Pergunte se ele pode ser associado a alguma expressão conhecida. Conduza a discussão em torno do significado das palavras “confusão”, “desordem” e da expressão “pernas pro ar”. Dê exemplos de frases: “No centro da cidade houve a maior confusão.”, “Parece que a praça ficou de pernas pro ar.”. Sugira às crianças que falem sobre as imagens mentais que criam quando ouvem essas frases. É possível explorar também a linguagem figurada presente na expressão e “brincar” com isso. A praça tem pernas? Ela pode ficar de “pernas pro ar”?
4. Depois, leia em voz alta o trecho da página 5. Incentive as crianças a formularem hipóteses sobre o possível conteúdo do livro. Pergunte que personagem sobressai nessa primeira parte e quem, provavelmente, está contando a história. A partir daí, faça outras perguntas. Será que esse galo vai se dar bem? Aquelas galinhas diziam o que pensavam? Elas tinham medo? De quê?
5. É possível dizer se *Penas pro ar* é uma narrativa ou uma coletânea de poemas? Deixe que as crianças falem e, depois, se necessário, dê algumas “pistas” que nos levam a descobrir que se trata de uma narrativa: a existência de diálogos, por exemplo.

DURANTE A LEITURA

1. Após a leitura, enfatize que se trata mesmo de uma narrativa e que alguns elementos desse tipo textual podem ser discutidos. O esquema temporal do enredo é uma dessas questões. Pergunte aos alunos se os fatos acontecem no passado ou no presente. A maioria pode tender a responder que acontecem no passado. Leve-os a perceber que os tempos (passado/presente) se mesclam na narrativa.

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

Chame a atenção para o segundo capítulo do livro, intitulado “Parte final”. A história termina ali? Que acontecimentos são apresentados depois? Na página 21, encontramos novamente a possibilidade de término, expressa pela palavra “fim”. E agora, terminou a história?

É possível dizer que a história que Susi conta se dá no passado, mas que, em alguns momentos, a personagem-narradora está no presente, dialogando com o leitor? Peça aos alunos que leiam o trecho da página 31, onde essa conversa fica bem evidente.

Pergunte o que há de peculiar na estrutura dessa narrativa. Atente para o fato de que Susi pula uma parte da história e retoma essa parte apenas no final do livro.

2. Para explorar a linguagem empregada, os seguintes trechos podem ser analisados:

“Seu nome, é lô-gi-co...”(página 8). Saliente que o recurso gráfico de separação das sílabas faz com que o leitor dê ênfase à pronúncia da palavra.

“A galinhada trabalhava que trabalhava...” (página 5); “Olhei, olhei, ele me olhou, olhou, mas não disse nada.”(página 7); “Aonde você vai arruma confusão. É confusão em cima de confusão.” (página 17); “...fui falando devagarzinho, devagarzinho.” (página 19). Atente para a frequência das repetições de palavras no texto, o que pode ser explicado como maneira de enfatizar detalhes dos fatos narrados.

“O Penoso fechou a cara e eu fui embora.” (página 11); “E ele lá, folgado.” (página 5); “Fala sério!” (página 14); “Susi, você não tem noção!” (página 19). O emprego da linguagem coloquial é evidente na história. Explore esse recurso e motive as crianças a refletirem sobre a função que ele desempenha no texto.

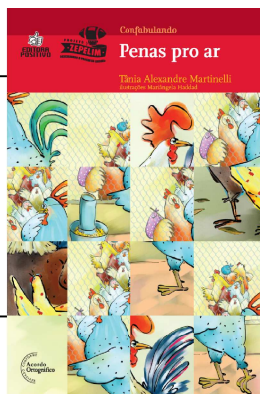
3. Analise as ilustrações do livro, colocando em discussão as primeiras impressões das crianças e questionando se as imagens permitem antecipar situações, comportamentos, diálogos, etc. Peça aos alunos que leiam a ilustração das páginas 4 e 5 e observem que há um recurso verbal junto a ela (onomatopeia). Pergunte qual a função desse recurso na ilustração (representar o som do assobio do galo) e proponha a busca de outras ilustrações do livro que apresentam recursos verbais (páginas 6 e 7, 12 e 13, 15).

4. O estilo da ilustração também é um aspecto que pode ser observado, pois acrescenta muito ao texto. Para explorá-lo, convide as crianças a procurar no livro informações das quais só temos conhecimento por meio da ilustração, como a expressão das galinhas na hora em que o galo assovia (página 5), o coral de pintinhos no galinheiro de Arnaldo (página 13), a agenda do galo Arnaldo (página 13), o mural informativo no galinheiro (página 15), as trouxinhas das galinhas (página 18).

DEPOIS DA LEITURA

1. Peça às crianças que apontem as principais características de Susi (físicas e psicológicas). Pergunte se conhecem pessoas ou personagens de outras histórias com características parecidas. Após as respostas, lembre da Emília, personagem do Sítio do Picapau Amarelo, e diga que ela é um bom exemplo – faladeira, crítica e teimosa, não pensa duas vezes antes de expressar sua opinião, doa a quem doer. Se possível, leia com as crianças o livro *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato, e conte a elas que Emília era muda – só começou a falar, e bastante, depois de tomar uma pílula indicada pelo Doutor Caramujo. Emília então falou três horas sem parar, e o Doutor Caramujo concluiu que isso era natural, já que a boneca sofria de “fala recolhida”. Questione as crianças sobre o significado da expressão “fala recolhida”. Será que Susi sofria de “fala recolhida”? Por quê?

PENAS PRO AR



**Tânia Alexandre
Martinelli**

2. Chame a atenção dos alunos para a seguinte fala de Penoso: “Eu não chamo nada. Eu só mando.” (página 8). Trabalhe com os temas “autoritarismo” e “poder”. Questione as crianças a respeito dos personagens que representam, no livro, figuras de autoridade (a mãe de Susi, o galo Penoso e o galo Arnaldo). Enfatize a diferença entre ter autoridade e abusar da autoridade. Peça aos leitores que escrevam em uma folha as principais diferenças entre o galo Arnaldo e o galo Penoso. A partir do que escreveram, promova uma apresentação coletiva dessas diferenças. Abra uma discussão sobre qual dos dois galos utiliza-se de métodos mais eficientes para o “bom andamento de um galinheiro”. Solicite aos alunos que justifiquem suas opiniões.

3. É interessante propor aos alunos a leitura do livro *Quem tem medo de dizer não*, de Ruth Rocha, pedindo que o relacionem com *Penas pro ar*, de Tânia Alexandre Martinelli.

Leia a seguir um trecho desse livro de Ruth Rocha:

“A gente vive aprendendo
A ser bonzinho, legal,
A dizer que sim pra tudo,
A ser sempre cordial...
A concordar, a ceder,
A não causar confusão,
A ser vaca de presépio,
Que não sabe dizer não!
Acontece todo dia,
Pois eu mesma não escapo.
De tanto ser boazinha,
Tô sempre engolindo sapo...”

Conduza o trabalho perguntando quem tem medo, no livro, de dizer “não”, e o que poderia acontecer se essas personagens – as galinhas do terreiro do Penoso – dissessem “não”. Será que elas pensavam sobre isso? Quem, possivelmente, as ensinou a ser assim? Destaque a palavra “confusão” nesse trecho do livro de Ruth Rocha e promova uma discussão sobre o significado dessa palavra e sobre como Susi a explica na história. Para isso, retorne às páginas 28 e 29 do livro de Tânia Alexandre Martinelli.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Lindsey Rocha